

“A ESCOLA DOS MEUS SONHOS”: NA VOZ DAS CRIANÇAS DA BRINQUEDOTECA DA FACULDADE MUNICIPAL DE PALHOÇA

Tatiana Alcântara Ribeiro Fernandes ¹
Juliane Di Paula Queiroz Odínino ²

INTRODUÇÃO

Esse resumo trata da experiência fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso que procurou evidenciar as expressões das crianças que frequentam a Brinquedoteca da Faculdade Municipal de Palhoça - FMP, acerca de como a escola que povoa os sonhos delas. A pesquisa A partir de levantamento dentro dessa temática veio à tona a cultura da escassez do ponto de vista das crianças, protagonistas e sujeitos da educação e, desse modo, a consequente ação pedagógica que de fato seja significativa para elas, tornando-as partícipes de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A análise também dialoga com a Pedagogia do Silêncio que denuncia o autoritarismo e jogo de poder com que os adultos tendem a cercear a expressão das crianças. Foram realizadas observações, intervenções e entrevistas com as crianças, apresentando as percepções e aspirações das mesmas quanto à escola de seus sonhos. O fio condutor da pesquisa foi compreender através do exercício da escuta, qual seria a escola dos sonhos enquanto idealização das crianças da brinquedoteca. Como desdobramento buscou-se conceituar crianças como sujeitos de direitos e produtoras de cultura e as infâncias em sua multiplicidade; apresentar as reflexões sobre o exercício de escuta das crianças e, por fim, analisar as perspectivas das crianças acerca da escola que idealizam.

O tema apoia uma certeza pessoal: a criança é sujeito de direitos, dentre os quais opinar, se expressar e sonhar com o que quer para si mesma. Por respeitar a opinião e valorizar o pensamento nas infâncias, justifica-se a presente pesquisa que identifica as características das escolas dos sonhos das crianças. A voz das crianças, como fonte de observação e discussão do que nós, adultos, podemos e devemos realizar em nossa prática pedagógica, nos aproxima do pensamento (e expectativa) infantil, tendo em mente a importância da criança na renovação da sociedade, partindo do conceito de educação de Hannah Arendt³.

¹ Pedagoga pela Faculdade Municipal de Palhoça – SC, tatiana.fernandes@aluno.fmpsc.edu.br;

² Professora orientadora: Doutora, Faculdade Municipal de Palhoça – SC, juliane.odinino@fmpsc.edu.br.

³ “(...) a educação é o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si



Com a escola alinhada ao querer infantil, teremos ensino aprendizagem de qualidade e significativo, formador de sujeitos integrais, preparados para opinar, serem críticos e construtivos na sociedade. Efetivando os direitos das crianças, principalmente quanto à participação, além da proteção e provisão, elencados por Sarmento⁴. A defesa alinha-se aos Direitos à participação e expressão das crianças, consagrados na Carta Magna de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente, que traz o Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, sendo aí compreendido o aspecto da opinião e expressão. E como pano de fundo, adota-se uma prática escolar apartada do adultocentrismo, possível através da pedagogia libertária de Francisco Ferrer y Guardia⁵. Espera-se assim amplificar a voz das crianças nas pesquisas acadêmicas, na esperança de mais trabalhos científicos sem o olhar, por vezes distorcido, do adulto.

METODOLOGIA

A pesquisa principal, de caráter exploratório, com base nos objetivos a serem alcançados; qualitativa, quanto à abordagem e pesquisa de campo, quanto ao método, utilizou a técnica da entrevista, individualizada, com auxílio de roteiro, a partir da indagação: “qual a escola dos seus sonhos?”. E para preservar os nomes das crianças, elas escolheram codinomes de animais para representá-las. Houve inspiração etnográfica na pesquisa, pois os estudos da infância se dão através das crianças⁶.

próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum” (Arendt, 1972, p.247).

⁴ “A tradicional distinção entre direitos de protecção (do nome, da identidade, da pertença a uma nacionalidade, contra a discriminação, os maus-tratos e a violência dos adultos, etc.), de provisão (de alimento, de habitação, de condições de saúde e assistência, de educação, etc.) e de participação (na decisão relativa à sua própria vida e à direcção das instituições em que actua), constitui uma estimulante operação analítica. Ela permite, quando aplicada à investigação do estado de realização dos direitos, comprovar, por exemplo, que entre os três p, aquele sobre o qual menos progressos se verificaram na construção das políticas e na organização e gestão das instituições para a infância (e, em particular, nas escolas — cf. Jeffs, 1995) é o da participação” (Sarmento, 1997, p.19).

⁵ “Partindo de uma educação para a liberdade, que para os anarquistas é construída coletivamente, também é realizada a desconstrução paulatina da autoridade. Em outras palavras, assim como no meio social, no âmbito escolar o ponto de partida também é a autoridade, que vai sendo diluída conforme a emancipação dos indivíduos acontece. [...] Uma educação para a liberdade pressupõe a formação de indivíduos que sejam capazes de romper com as estruturas que impedem a construção de uma nova sociedade, desse modo, as contribuições de Francisco Ferrer podem ser de grande relevância para pensar o cenário educacional atual” (Oliveira, 2020, p.2-3).

⁶ “Um dos desafios que os estudos sociais da infância colocam aos adultos-pesquisadores interessados em conhecer as crianças como atores sociais que efetivamente têm uma determinada agency é o de porem mãos à obra e tentarem descobrir qual é ela pelo uso da etnografia (James; Prout, 1997; James; Jenks; Prout, 1998; Prout, 2005). A assunção e a importância deste postulado, em que o estatuto das crianças como atores sociais com “voz” própria é reconhecido, não pode ser dissociadas do contexto sócio-histórico de afirmação e ratificação da Declaração dos Direitos das Crianças (1989), nem do marco temporal e epistemológico representado pela emergência e consolidação dos estudos da infância” (Ferreira e Nunes, 2014, p.105).



Buscou-se uma metodologia diversificada por intermédio de um real encontro com a criança objeto da pesquisa, já que “não basta apenas dizer, é preciso desenvolver de maneira crítica e consciente que a participação das crianças envolve uma mudança na ênfase dos métodos e assuntos de pesquisas” (Martins Filho; Barbosa, 2010, p.14). Adentrando ao seu mundo como alguém convidado e não recebido por qualquer sentimento de obrigação ou coerção. Comemorou-se aprofundar as conversas durante as entrevistas abrindo-se interessadamente para o pensamento infantil em sua mais sincera expressão, ao modificar a abordagem, trazendo elementos criativos e lúdicos pertencentes ao universo infantil, alcançando melhor fluência na condução da entrevista: “Coala” de 8 anos, diz que tem um pinguim na casa dela. Pergunto espantada: “de verdade?”. Ela conclui incrédula: “se fosse de verdade eu não estaria aqui agora, mas em casa catando os cocôs dele” (Diário de Campo, 2024).

O recorte da faixa etária limitou-se às que frequentam a Brinquedoteca da FMP, que também constitui-se como Laboratório do Curso de Pedagogia desta instituição que acolhe crianças de três anos até onze anos e onze meses, dependentes de estudantes e funcionários no período de funcionamento do espaço e enquanto os responsáveis pela criança encontram-se na faculdade, seja estudando ou trabalhando (FMP, 2022, p.6).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os meses de setembro e outubro do ano de 2024, houve observação participante da rotina da Brinquedoteca, com anotações em diário de campo. Depois, foram feitas duas intervenções com treze crianças (meninas e meninos de 3, 4, 7, 8 e 9 anos de idade), propondo a realização de pintura coletiva com o tema da escola dos sonhos delas. As crianças se revezaram na tela de trinta por quarenta centímetros, adicionando detalhes da escola dos sonhos delas com as tintas guache e pincéis disponibilizados e os quadros prontos foram utilizados para iniciar os três dias de conversas individuais. As crianças pintaram uma escola gigante, com muita luz (representada pelo amarelo), um Shrek no telhado da escola, piscina, plantas, um policial militar, entre outros. Uma das crianças utilizou tinta preta como fundo e depois colou recortes por cima para representar os estudantes flutuando na aula de espaço. Ainda, apareceram aula da bandeira do Brasil, piscinas (internas e externas) com toboáguas, pirulito gigante para lamber coletivamente, primeiro e segundo andares dessa escola construída a muitas mãos. Durante a entrevista individual, iniciadas com a pergunta “qual a escola dos seus sonhos”, alguns pontos foram perpassados, a partir do



roteiro planejado, como exemplo o recreio; sala de aula; o que aprende e como; espaço interno e externo; alimentação; tempos e espaços; regras; turmas multisseriadas, dentre outros.

Dentre a riqueza do que foi escutado durante as entrevistas, destaca-se o tom crítico, como na fala de “Tubarão”, 9 anos, quanto às regras escolares: “Ah, a primeira regra que eu iria remover é não poder ter chiclete na sala porque não faz nenhum sentido. Tem professora que fala que tira atenção, só que como se eu estou usando minha boca, não estou usando meu olho” (Diário de Campo, 2024). A escola dos sonhos traz regras de convivência de respeito e valorização das diferenças, a fim de organizar o tempo e espaço escolar, porém, sem perder a ótica da diversão e primando por períodos de descanso e convivência, inclusive com conversas animadas e em alto e bom som. É um local sobretudo de alegria e “podia na escola ter uma aula de como ser feliz. A professora ia ensinar a fazer as pessoas sorrirem, de vários jeitos, dando abraços (‘Borboleta’, 8 anos, Diário de Campo, 2024)”. Ao fim da pesquisa, vislumbrou-se nos sonhos das crianças da Brinquedoteca da FMP uma escola inclusiva. “Leão”, de 8 anos, explica que “eles [os adultos] iam, se fosse um autista, cuidar do autista enquanto ele está no recreio”. E “Borboleta”, de 8 anos, diz que “não pode gritar no refeitório, porque pode ter muita criança autista, tem sensibilidade” (Diário de Campo, 2024). É uma escola onde adultos e crianças se relacionam com respeito e gentileza; com mobília propensa ao conforto do educando; bibliotecas acessíveis a todo tempo e com livre escolha das obras; parques (terrestres e aquáticos) focados na diversão e prazer dos frequentadores; currículo preocupado com exercícios físicos e conhecimentos gerais, para desestressar corpo e mente, sempre que necessário. É um local onde a preocupação com a coletividade está presente ao resolver uma situação, ao montar um cardápio que agrade a todos os paladares ou imaginar soluções para todas as crianças do mundo, como quando “Coala” (8 anos) projeta:

Mas se a criança desse uma opinião assim ó: “ô Profe que tal a gente fizesse um dia, e a gente fizesse no Dia das Crianças, um exemplo, no Dia das Crianças a gente não brincasse. A gente fosse ali, na escola, ali onde tem a rua da calçada da escola. E falar que toda criança tem o direito, porque tem criança que tem trabalho forçado, tem criança que não tem um dia bom para brincar. Às vezes, a gente pode de ser bom o dia muito bom. Tipo assim, fizesse é, bilhete dar para as pessoas que passassem, escrito assim: “toda criança tem o direito de ser feliz. Se você conhece uma criança perto, vá fazer ela feliz”. Porque, tipo, a gente pode ter um dia feliz, mas tem gente que não pode ter (Diário de Campo, 2024).



Enfim, as crianças almejam uma escola que as tragam felicidade, pois o fim comum em suas vozes foi sempre o da alegria em estar na escola. Cabe, assim, aos profissionais da educação, oportunizar a participação delas na construção da escola⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir as crianças trouxe a certeza de que elas são capazes de legislar a favor das infâncias, nos guiando para uma educação não alcançada pela sociedade, com respeito e protagonismo que as crianças merecem. Quiçá são elas as detentoras das verdades sobre as Infâncias. Cabe a nós ouvi-las. Compreendê-las. Com olhar correto para as infâncias, abolindo o adultocentrismo na escola e praticando uma educação libertária que produz seres desenvolvidos integralmente, como há muito se almeja nos anais da História da Educação, entretanto pouco se exercita, principalmente quanto à quebra de paradigmas referentes à autoridade. O rico encontro entre adultos e crianças traz latente nessa convivência (sobretudo no espaço escolar) um potencial transformador da sociedade, pois, “os revolucionários serão crianças ou não haverá revolucionários” (Celma, 1971, p.197). Assim, se atentos ao que elas imaginam e expressam, alcançaremos alteração significativa neste mundo sedento de alternativas para as gerações que chegam e não mais se encaixam em moldes apertados de regras e certezas que não lhe servem; não satisfazem a criticidade da criança e o questionamento permitido pelas legislações que as tornaram sujeitos de direitos; que transgride o *status quo* educacional tanto no currículo deslocado, na autoridade adultocêntrica e na estrutura engessada, quanto no calar de vozes ávidas por se expressarem. São elas os agentes principais dessa transformação profunda na educação e o farão como partícipes, através da cocriação de um futuro mais democrático e crítico. Findada a pesquisa, a impressão é de que se pode ir mais à fundo nesses questionamentos e no ouvir. Na busca por práticas com significado para aqueles a quem temos total foco e a quem devemos consultar para gerar respostas e soluções: a criança. E de que com mais tempo, com maior abrangência dos entrevistados, foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental (onde pulsa ditoso o

⁷ “Privilegiar um olhar para uma educação das infâncias, construídas pelas/com as crianças, evoca não apenas reconhecer a diversidade de construções sociais das infâncias, superando as representações (coloniais, patriarcais, adultocêntricas e universalizantes) de uma única ideia de criança. Implica também em problematizarmos o modo que estamos acolhendo as diferentes infâncias e quais direções perseguem as pedagogias que vêm sendo instituídas em diferentes espaços de cuidado e educação nestes territórios periféricos. A invisibilização, o silenciamento das infâncias e a sua condição política desigual memorizam e encobrem a potência dos diferentes saberes das crianças, revelando a face violenta da colonialidade e, por conseguinte, do adultocentrismo. Logo, o reconhecimento das práticas e saberes das crianças podem produzir insubordinação e rebeldia à ordem social imposta” (Macedo; Faria, 2022, p.105).



coração da pesquisadora), com mais vozes num coral imaginativo e sábio, se vislumbrará a educação que queremos e que merecem as infâncias.

Palavras-chave: Educação; Infância; Pedagogia do Silêncio; Participação da Criança.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 1ª edição (Between past and future): 1961. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/glicia/files/arendtcriseeduc_0.pdf Acesso em: 16 out. 2024.

CELMA, Jules. **Diário de um Educastrador**. Paris, 1971. Tradução: Elizabeth M. Sawaya Kaphan. São Paulo: Summus, 1979.

FERREIRA, Manoela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**. Brasília: DF, v. 20, n. 41, p. 103-123, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/lc/v20n41/v20n41a07.pdf> Acesso em: 27 out. 2024.

FMP. **Resolução 015/2022**. Regulamenta o funcionamento e o uso da Brinquedoteca da Faculdade Municipal de Palhoça. Palhoça: 2022. 8p.

MACEDO, Nayara Alves; FARIA, Pablo Luiz de. Virando de ponta a cabeça: inspirações decoloniais para uma pedagogia com as infâncias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Por uma pedagogia macunaímica: infâncias, estudos decoloniais e resistências plurais na contemporaneidade. Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 96-110, jan-maio, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2022.65288> Acesso em: 07 nov. 2024.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de Pesquisas com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496> Acesso em: 27 out. 2023.

OLIVEIRA, Andressa Lopes de. **A Escola Moderna de Francisco Ferrer y Guardia como uma experiência de Educação Libertária**. XVII Encontro Regional de História da ANPUH-PR. Maringá: UFPR, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611975237_ARQUIVO_60bb2a407df75e6eeae4f626071642bc.pdf Acesso em: 27 out. 2023.

SARMENTO, M. J. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In PINTO, M.; SARMENTO, M.J.(coords.) **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SILVA, Rafael Furtado da. O conceito arendtiano de educação. **Pensar-Revista FAJE**, [Belo Horizonte], v.9, n.2, p. 303-311, fev. 2019. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/issue/view/561> Acesso em: 24 out. 2024.

